

2014/08/20

Crise na Ucrânia: Desafio à segurança¹

José Manuel Neto Simões²

"A segurança e a paz não são dados adquiridos... Os Exércitos não se improvisam. Preparam-se" (Prof. Cavaco Silva, Presidente da República)

A globalização gerou a nova desordem internacional, caracterizada pelo aumento de conflitualidade, com subversão das hierarquias do sistema mundial e disfunções nos equilíbrios entre poderes e centros de decisão. E a instabilidade na segurança dos Estados pode afectar o interesse nacional.



Vivemos a maior crise da Europa depois do fim da Guerra-fria, que põe em causa as fronteiras territoriais estabelecidas e altera a ordem internacional acordada através do Tratado de Budapeste (1994) com violação do Direito Internacional. A Ucrânia aceitou a desnuclearização militar³ pela sua independência e protecção das suas fronteiras empenhando os EUA, Rússia, Reino Unido, França e China.

Um confronto geopolítico, de dimensões imprevisíveis, por áreas de influência entre a Rússia e os EUA pela reemergência da Rússia como potência da Eurásia, onde os americanos não querem ver China e Rússia a fortalecer alianças. Por outro lado, a desorganização de referências, significa que existe descontrolo político e irracionalidade com a escalada em conflitos armados.

O novo presidente ucraniano Poroshenko oligarca milionário – pertenceu ao Partido das Regiões (Leste) - terá de saber gerir a politização da etnicidade a Ocidente e a Leste da Ucrânia⁴.

Os EUA têm seguido a geoestratégia do conselheiro *Brzezinski* – com base na teoria geopolítica do *Heartland*⁵ de Mackinder - que incentiva a necessidade de dominar a

¹ O presente artigo é a versão completa do publicado no jornal "Público" nº 8848 de 4 de Julho de 2014

² Capitão de Fragata SEF (Reserva)

³ Era considerada a 3ª potência nuclear

⁴ Assiste-se hoje ao que acontece no fim dos impérios sem violência - com cerca de 27 milhões de russos fora das suas fronteiras -, cuja conflitualidade devíamos ter visto depois da desintegração da União Soviética. Na Ucrânia Ocidental mais rural vivem 75% que falam ucraniano e se identificam com valores europeus, no Leste industrializado a população é 25% e fala russo.

⁵ *Heartland* (Halford Mackinder) é a teoria geopolítica clássica de que a lógica poder terrestre *versus* poder marítimo ainda fazem parte da disputa geoestratégica mundial. Mackinder, situou o Heartland ("Coração da Terra") na zona territorial que abrange o continente europeu e asiático, e que recebe a denominação de Eurásia ou Ilha Mundial. A partir da teoria de Mackinder, pronunciou, em 1904, que o controlo dos mares deixava de representar o poderio das nações marítimas e a supremacia do poder naval. O Estado que controlasse todo o Heartland poderia tentar obter saídas para mares abertos e tornar-se uma potência marítima que poderia dominar a Ilha Mundo.

Eurásia em que a Ucrânia é o centro geopolítico necessário a manter longe da Rússia. A *"Rússia sem a Ucrânia é um País; a Rússia com a Ucrânia é um Império"* (Dan Drezner).

Nesse sentido, os americanos têm desenvolvido iniciativas para instalar o seu poder na região, através de inúmeras agências e organizações não-governamentais, tendo em vista o financiamento e recolha informações com ligações à "Revolução Laranja" de 2004. A Rússia considera que o Ocidente tem desestabilizado a Ucrânia e outros países da área de influência russa.

A crise na Ucrânia⁶ é uma questão de segurança decisiva em termos europeus e mundiais. A União Europeia (UE) fez uma péssima gestão política a favor de um tratado de associação, que foi um factor de divisão, explorado pela Rússia por ver nessa opção uma iniciativa de deteriorar a influência de Moscovo, reconhecendo um governo que resultava de legitimidade democrática duvidosa. A liderança europeia não soube gerir a relação com a Ucrânia e Rússia, repetindo ao nível estratégico os erros irreparáveis ao nível económico e financeiro.

Putin queria forçar a Ucrânia a rejeitar o acordo com a UE, porque pretendia a sua integração na União Económica Euroasiática (UEA) recentemente criada – prevê a criação de moeda única – sendo um projecto de cooperação orientado para o espaço pós-soviético e América latina. A admissão da Ucrânia à UEA representaria uma redução de um terço nas tarifas do gás natural, as quais seriam revistas por Moscovo de quatro em quatro meses, e um empréstimo de quinze mil milhões de dólares a serem pagos em três anos (Reuters, 2014).

A crise é também o resultado do falhanço da política externa dos EUA. Obama quis privilegiar as relações com a Rússia ("reset"), mas a "parceria estratégica" foi seriamente comprometida com iniciativas como tentativas de alargamento da NATO (Geórgia e Ucrânia) e a imposição do sistema antimíssil na Polónia.

A crise na Ucrânia é, sobretudo, uma questão europeia. Envolver os EUA desvia o foco porque foi a debilidade militar e institucional da Europa, somada às intenções de atrair Kiev a Bruxelas, que reforçou a Rússia de Putin. A Europa deu a Putin o pretexto para aumentar poder e influência.

A Rússia tirou partido com a iniciativa estratégica, que reclama o controlo da sua fronteira de segurança. Porém, as fronteiras dos interesses exigem intervenção de diplomacia de verdadeiros estadistas para evitar o risco de se transformarem em fronteiras geográficas pela irrupção de irracionalidade.

Não se sabe como vai acabar este novo antagonismo entre o Ocidente e a Rússia na Ucrânia testado por Putin na Crimeia e no Leste. A reemergência da Rússia como grande potência tem sido desvalorizada pelos EUA, mas foi Putin que poupou

⁶ Ucrânia é segundo maior país da Europa, depois da Rússia (603,700 km²) e uma população de 60 milhões que cobre toda a fronteira leste e nordeste da Rússia e, é essencial para a sua segurança nacional. O nome do país - que significa "fronteira" -, Kiev é o berço e pátria da história russa desde o século IX: Kievn Rus. A Ucrânia tem sido parte da Rússia durante séculos, e as suas histórias estão entrelaçadas. Ucrânia dificilmente será uma unidade nacional coerente porque existe uma profunda divisão história, cultural, linguística e política sem nunca ter sido resolvida a crise de identidade nacional. O País é controlado por clãs da oligarquia que subvertem o Estado de direito.

Obama a uma guerra que não queria contra o regime Sírio. Foi com a sua intervenção que se obteve a garantia de entrega do seu arsenal químico.

Os perigosos conflitos de interesses não foram devidamente avaliados pela imponderada liderança da UE na aproximação à Ucrânia, que é estrategicamente decisiva para a Rússia⁷. Moscovo utiliza “os recursos energéticos⁸ como principal “alavanca de pressão” para o controlo sobre Kiev, fazendo da Ucrânia um país dividido e caótico.

A geopolítica da energia assume importância à escala mundial e a UE só pressionada pela crise fez a revisão da política de segurança energética da UE, o que condiciona a segurança nacional dos Estados membros. A falta de visão de uma União Energética – tirando vantagem do poder do mercado único – não assegura o fornecimento de energia a preço competitivo. A disputa pelo controlo da política externa de Kiev terá consequências na diversificação das fontes de energia diminuindo a dependência em relação à Rússia. E tornará a África Ocidental e o Atlântico Sul mais importante no mapa energético.

Neste âmbito, tendo em conta que Abuja e Argel são os nossos principais fornecedores de gás natural e que a Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento entre EUA-UE vai permitir a importação de gás liquefeito, existe uma oportunidade estratégica única para Portugal desenvolver de forma integrada as infraestruturas portuárias com as redes de transportes rodoviários e ferroviários da Europa.

A Ucrânia é um dos 15 Estados independentes que resultam da desagração da União Soviética em 1991 e fazem agora parte do designado espaço pós-soviético da doutrina de Putin⁹. A intervenção e controlo da “vizinhança próxima” na fronteira

⁷ A Rússia é o maior país do mundo em extensão territorial com cerca de 17 milhões de Km² e é ocupado por uma população de 143 milhões de habitantes, que tem um PIB per capita cerca de 11 mil euros. Do ponto de vista económico, a Rússia é um dos BRICS o que significa crescimento e desenvolvimento. A Rússia é a oitava maior economia do mundo, com o quinto maior orçamento militar nominal. Tem um PIB (1 926 Bilhões de dólares). O crescimento é desequilibrado porque está sustentado apenas nos recursos energéticos gás natural (2º produtor mundial) petróleo (3º produtor mundial) são a maior produção combinada a nível mundial - em que o restante tecido económico não é competitivo nos mercados internacionais. Todavia, a época de Putin tem sido marcada por melhoria significativa das condições de vida, sobretudo nas grandes cidades. Conseguiu tirar 26 milhões de russos do limiar da pobreza e a classe média viu os seus rendimentos triplicar.

⁸ O gás natural representa mais de 70% das exportações russas: 84% das exportações de petróleo vão para a Europa e 76% das exportações de gás vão para a Europa Ocidental e representam mais de 50% das receitas do orçamento Federal. Atualmente a Europa importa cerca de 30% de seu gás natural da Rússia (45% em 2003). A Europa também está menos dependente do gás que passa pela Ucrânia, devido melhoria significativa nas infraestruturas (grande investimento alemão), através do gasoduto Nord Stream, que passa pelo mar Báltico. Em 2016 a capacidade de transporte será superior e independente da passagem pela Ucrânia - South Stream pelo Mar Negro. A UE até compra mais petróleo à Rússia do que gás (36% em 2013), mas o seu transporte não depende tanto da Ucrânia. A Gazprom é a maior empresa russa estatal e de gás detendo 74% da produção, cujo administrador é o antigo chanceler alemão Gerhard Schroeder, que mantém relação de amizade com Putin sendo um defensor das suas políticas e estratégia para o Ocidente. Schroeder duas semanas antes de sair do poder terá assinado um acordo sobre o gasoduto *Nord Stream*, para transportar gás russo para a Alemanha, através do mar Báltico sem ter que passar por outros países.

⁹ A estratégia Nacional Russa está arquitectada desde que Putin assumiu funções em 1999 e tem como base a doutrina de Putin, cujos principais vectores são: estabilizar o país e fazer ressurgir o nacionalismo russo; assegurar uma segurança social mínima; repor a autoridade internacional da Rússia face à arrogância do Ocidente e perseguir a reconstrução do novo império eurasiático, tendo presente o princípio de Sun Tzu: “É preciso ganhar a guerra antes de declará-la”.

dos interesses asseguram a relação directa com a projecção de poder contendo o alargamento da NATO que é considerado ameaça à segurança nacional. E as motivações geoeconómicas e geopolíticas, com a criação da UEA – que entrou em vigor -, permitirão concretizar a reconstrução do “novo Império Eurasiático”.

Os recursos energéticos têm sido utilizados inteligentemente como “arma política” de persuasão e negociação na influência externa dos processos de integração e cooperação. O regime da Ucrânia terá de manter uma neutralidade relativa. Não pode estar alinhado com o Ocidente e não pode hostilizar a população de origem russa.

A política externa Russa definiu prioridades nas relações com a “vizinhança próxima”. A concepção do arriscado Eurasianismo de Dugin¹⁰ na reemergência da Rússia - como potência revisionista e nacionalista -, visa a ampliação da sua área de influência no espaço pós-soviético e reconstrução do “Império Russo”.

O erro histórico do Ocidente foi ignorar a Rússia com o estatuto de grande potência que se quer afirmar, e a geografia lhe confere, ao agir pela geopolítica mantendo a independência estratégica ao nível nuclear.

A doutrina Putin leva a induzir que a Rússia deverá seguir uma estratégia para manter a Ucrânia num regime não alinhado com o Ocidente – sem hostilizar a população de origem russa - na sua área de influência para que funcione como “zona tampão” garantindo a sua fronteira de segurança.

O conflito da Ucrânia exigia a diplomacia de Kissinger – sem mediatização e ignorância -, não apoucando para afastar o imprevisto da irracionalidade. O estadista defendia não aproximar a NATO às fronteiras russas e o Ocidente compreender a relação histórica entre a Rússia e Ucrânia.

Putin conhecido por “homem espelho” utiliza as ideias dos interlocutores a seu favor. E as sanções económicas e diplomáticas¹¹ não contribuem para o

¹⁰ A noção de "eurasianismo" começou a ser definida durante os reinados de Pedro o Grande e de Catarina II, a Grande (séculos XVII e XVIII), período durante o qual a Rússia se expandiu, simultaneamente, para a Europa e para a Ásia. A grandeza da Rússia resultava de ser, simultaneamente, uma potência europeia e asiática. O "eurasianismo" consolidou-se durante o século XIX, e tornou-se um elemento central do discurso dos nacionalistas russos. O Eurasianismo (Dugin, Zhirinovsky) conseguiu reconciliar filosofias e ideologias muitas vezes contraditórias como o comunismo, a religião ortodoxa e o fundamentalismo nacionalista. Dugin reforça a necessidade de construir alianças que sirvam para aumentar o domínio político e económico. Assim, põe ênfase num eixo Moscovo-Teerão. Na Europa, advoga um eixo Moscovo-Berlim, que vê como essencial para a criação de um “cordão sanitário” contra a influência ocidental. O Partido Eurasiano foi fundado por Dugin em Maio de 2002, supostamente com apoio organizacional e financeiro do Presidente Putin.

¹¹ Os custos económicos das sanções são pesados para a UE e principalmente para a Alemanha. A UE é o maior parceiro comercial dos russos sendo cerca de 11 vezes superior ao dos EUA. Os custos económicos das sanções são pesados para a UE e principalmente para a Alemanha, Reino Unido e Holanda. UE é o maior parceiro comercial dos russos sendo cerca de 11 vezes superior daquele que existe com os EUA e também é o maior investidor naquele país com cerca de 75 % do investimento. No mesmo dia em que os EUA e UE decretaram sanções contra a Rússia. A economia alemã está muito mais interligada com a russa – terceiro mais importante - do que com os outros países europeus. Os alemães exportam para a Rússia maquinaria (23%), automóveis e peças, (22%), e produtos químicos (14%); Importam 40% de gás natural e 35% de petróleo. Toda a economia russa depende, essencialmente da exportação de petróleo e gás natural e também de cereais. Mas a Alemanha sabe que um corte de fornecimento, em retaliação contra as sanções, obrigaria os alemães a procurarem fontes alternativas, que são muito dispendiosas, pelo que as cerca de 6000 empresas e o toda a economia se iriam ressentir, onde cerca de 300000 empregos alemães dependam dos negócios russos. As necessidades

desanuviamento, mas apenas na radicalização do conflito sendo já utilizadas pelo Kremilin contra-sansões em relação ao Ocidente. Podem estar a atingir o nível indesejável que convença Putin que a guerra é mais desejável.

Nunca é tarde demais para mostrar alguma sabedoria na perigosa escalada de uma crise que devia ser contida, se prevalecesse a ponderação. Porém, a histeria parece ser o estado de espírito em Washington e Kiev, o que não facilita a resolução do conflito entre nações que é preciso garantir que não entrem novamente na lógica armamentista nuclear.

Putin cometeu graves erros: avaliação sobre a coesão – ainda que relativa - entre a UE e EUA; e as ameaças de intervenção em defesa da minoria russa, o que alimentou as ambições separatistas no Leste e Sul da Ucrânia. Os confrontos armados eram inevitáveis com previsível escalada em guerra civil (e possível balcanização) com uma crise humanitária.

A anexação da península da Crimeia - que acabou por ser absorvida -, era uma parte do plano para a Rússia controlar a esquadra do mar Negro¹² que lhe assegura a única saída para o Mediterrâneo. Sebastopol é o único porto com múltiplas baías capaz realmente de acolher e proporcionar a respectiva logística à frota russa do Mar Negro. A Crimeia tem uma posição estratégica dominante no Mar Negro. Em 2013 foi restabelecida uma esquadra permanente no Mediterrâneo que permite à Rússia o controlo do Mar Mediterrâneo, cuja influência da região Moscovo não quer entregar à Marinha americana.

Aquele precedente foi também utilizado na desestabilização do Leste da Ucrânia para reconstrução da “Nova Rússia” que garante 15% do PIB do país¹³ mantendo a fragilidade económica e a fragmentação política conseguindo assim a integração daquela região conhecida por “Donbass”.

A proximidade geográfica e a porosidade das fronteiras permitem operações irregulares sofisticadas infiltrando forças especiais para apoiar as milícias pró-russas, numa atitude de Moscovo de aparente cooperação com Kiev enquanto assegura a gradual subversão (*Salami Tactics*)¹⁴. Dividir para conquistar!

européias (20 a 30% vão continuar a ser satisfeitas pela Rússia), até que se operacionalize a Parceria Transatlântica entre os EUA e EU que foi recentemente acelerada

¹² Para os russos, não há alternativa. Embora outra base esteja sendo construída em Novorossiysk, ao norte de Sochi, ela poderá receber só parte da frota. Além disso, Novorossiysk é uma base pequena e sem baías de protecção. Dependendo do vento, os navios que ali aportam podem ser danificados pelo mar.

¹³ A bacia de Donetsk, chamada Donbass no Leste e Sul da Ucrânia concentra a indústria de minério (carvão e ferro) que emprega 500 mil pessoas e garante 15% do PIB do país. O carvão representa 30% do consumo de energia do país. E o oligarca Rinat Akhmetov considerado o homem mais rico da Ucrânia (um dos 100 mais ricos do mundo com 11 mil milhões de euros), tem um império na siderurgia que emprega 300 mil ucranianos. É dono do clube de futebol Shakhtar Donetsk.

¹⁴Táctica dos manuais do KGB, que acompanha a política internacional russa – *Salami Tactics* (fatia por fatia). Aplica a velha máxima do “dividir para conquistar”. Criam instabilidade nos seus alvos, geram conflitos internos e lidam com a oposição que vai sendo eliminada aos poucos, até à conquista definitiva do poder. Aquela táctica tem sucesso nos objectivos de longo prazo, para limitação dos danos, mantendo uma aparente atitude de cooperativismo enquanto assegura a subversão gradual.

A Rússia tem estado a investir de modo acelerado na modernização das suas Forças Armadas (FA)¹⁵ dispondo de uma vantagem esmagadora em efectivos e potencial de combate com os ucranianos, cuja maior vulnerabilidade das FA ucranianas reside na falta de lealdade na hierarquia e logística operacional.

Para ultrapassar esta situação, membros do governo contrataram elementos da empresa americana de segurança privada "Academi"¹⁶ que estão a combater as milícias pró-russas. Os polacos também estão muito activos no treino e participação em forças da Ucrânia. Além disso, o oligarca Akhmetov, poderá ter tido influência decisiva, nos confrontos com melhoria radical desde que os seus homens da empresa Metinvest – constituíram um "verdadeiro exército" – começaram a fazer frente às milícias pró-russas.

A UE passou a ser ela própria a crise, produtora de crises como a da Ucrânia, com contradições insanáveis e clivagens na geografia dos povos, que conduz à desconfiança e rejeição do projecto de unidade europeia, traduzido no resultado das eleições.

Com as elites europeias burocratas sem pensamento político e sem visão de futuro - com os "interesses comuns" deslaçados ou inexistentes – não é viável um Conceito Estratégico para um novo paradigma de desenvolvimento e segurança da UE, mobilizador só por estadistas de superior estatuto.

O que fica claro é o confronto geopolítico impiedoso e da geofinança que continua a ter primazia sobre a política sem dimensão humana. A UE sem liderança, cuja política externa não funciona, tem sido conduzida pelos interesses divergentes dos EUA com mútua contenção, o que é paradoxal entre aliados. E dentro de algum tempo, o eixo Berlim-Moscovo, será o mais dinâmico da Europa pelas fortes relações comerciais.

Curiosamente, a grande preocupação geopolítica e estratégica do inglês Mackinder era a aproximação ou provável aliança entre a Rússia - potência que controlava os recursos - e a Alemanha com capacidade económica e tecnológica, por constituir uma ameaça ao equilíbrio de forças no continente eurasiático provocando uma transformação das relações de poder. George Friedman antecipa que as relações dos EUA com a Rússia e com a Alemanha vão variar durante os próximos sendo um factor de distanciamento ou tensão entre alemães e americanos.

¹⁵ No confronto com a Ucrânia as FA russas (2º lugar do ranking mundial) dispõem de uma vantagem esmagadora em efectivos e potencial de combate. O Orçamento é de 49,532 milhões de euros (5º do mundo). A Ucrânia perdeu o seu *arsenal nuclear* 1900 ogivas em 1996 ao abrigo do Tratado de Budapeste. A maior vulnerabilidade das FA (22º lugar do ranking mundial) reside nas divisões da cadeia de comando, cuja falta de lealdade na hierarquia – mesmo nas forças especiais – é agravada por agentes de segurança e serviços secretos infiltrados com simpatias pró-russas. A capacidade operacional encontra-se condicionada pela falta de modernização dos equipamentos e limitações da cadeia logística. Tem um reduzido orçamento de 1,016 milhões de euros.

¹⁶ Segundo fontes alemãs membros do governo provisório da Ucrânia terão contratado cerca de 400 elementos da empresa ex-Blackwater dos EUA que constitui um pequeno "exército" bem equipado – estão a combater as milícias pró-russas no sudeste da Ucrânia. Aquela empresa é formada por mercenários paramilitares de forças de elite (Marines e Seals) e actuam, por vezes, em coordenação com a CIA (*New York Times*, 2009).

A Europa sem vontade comum é a força da inércia, que não aprendeu com os erros do passado e a UE criada contra o poder para bloquear o aparecimento de mais confrontos. A indiferença para com as preocupantes e complexas questões de segurança é a premonição da sua própria desintegração.

A mentalidade germânica continua a não saber conviver com outros povos revelando intolerância que acabará por ser, como no passado, vítima da sua arrogância. Pior que a humilhação da submissão à Alemanha é aceitar a mediocridade sem alternativa. E a falta de dimensão da política externa sem aproveitar os recursos e a posição geográfica única de Portugal.

A indiferença da UE para com as complexas questões de segurança é a perturbante premonição da sua própria desintegração. A crise da Ucrânia permitiu a reorientação estratégica da NATO e requer melhor articulação com a UE, cuja segurança comum está fragmentada pela crise financeira.

Por outro lado, a Política Europeia de Segurança e Defesa não é um mecanismo de defesa colectiva. Seria de avisada prudência a reconfiguração da arquitectura de defesa sem dilemas, constrangimentos e muito menos condicionar a capacidade militar de intervenção autónoma dos Estados pelo interesse nacional.

A Aliança transatlântica necessita de restaurar os vínculos políticos e estratégicos e cumprir os compromissos dos orçamentos de defesa (2% do PIB), que a maioria dos Estados enjeitou. Obama lembrou que a segurança tem um preço e todos terão de contribuir.

Contudo, os líderes autistas das instituições europeias encaram as FA como obstáculos ao orçamento – como o sinistro senhor Schauble - em vez de importantes instrumentos de política externa para garantir a segurança nacional dos países e, conseqüentemente, da segurança e defesa da UE.

Não é inocente! Porque a política de defesa de Berlim não está alinhada com a NATO no confronto geopolítico na Eurásia. A Alemanha projecta uma aliança com a Rússia com opções que não sejam a UE, que a protege de eventual colisão com a França e desafia a hegemonia americana.

A crise económica, social e política acaba por se transformar numa crise de segurança que pode comprometer o exercício das funções de soberania, condicionada por critérios meramente contabilísticos.

A solidariedade na UE deixou de estar em exercício também ao nível da segurança e defesa. Por isso, a imprevisibilidade do ambiente estratégico e os requisitos de defesa deviam levar os decisores políticos a concluir por um sistema de forças mais exigente.

A reforma dos "cortes cegos", além do imposto pela troika, atinge a degradação e dignidade das nossas FA. Ou seja, afecta a condição militar, contrariando o Presidente da República "...meios e equipamentos de qualidade e pessoal motivado evitando a degradação das capacidades."

Não basta afirmar a Paz esquecendo que a resolução de conflitos pode obrigar à utilização da força militar. As catástrofes, conflitos e crises não avisam. A Defesa Nacional não pode ser um milagre!

Afinal Putin chamou à realidade! A segurança na Europa devia ser prioridade, porque o impacto da crise ucraniana vai muito para além das suas próprias fronteiras.

Para não sermos "*irrelevantes onde se joga o nosso futuro*" as FA terão de ser credíveis. A nossa participação requer melhores recursos, meios, treino e prestígio da Instituição militar.

A UE terá que aferir de forma realista na base dos valores da liberdade, tolerância, diversidade e solidariedade, os objectivos estratégicos da Política Externa e Segurança Comum na conjuntura preocupante do actual e previsível ambiente estratégico que coloca em causa o futuro da defesa comum europeia.

As Forças Armadas não se preparam de improviso e os níveis de prontidão não aparecem por geração espontânea. Winston Churchill disse: "a necessidade de preparação da defesa não significa a iminência da guerra. Pelo contrário, se a guerra estivesse iminente, a preparação da defesa já vinha tarde".